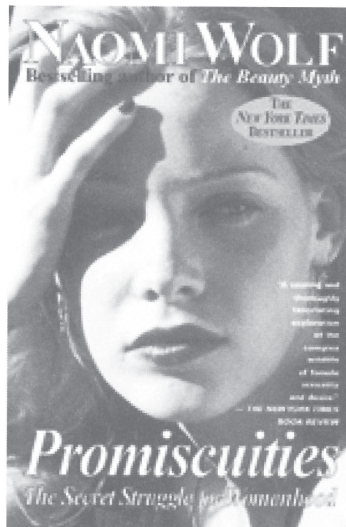




Camile Paglia.



Naomi Wolf.

"I myself have never been able to find out precisely what feminism is, I only know that people call me a feminist whenever I express sentiments that differentiate me from a doormat."

Rebecca West, 1913

É nos Estados Unidos, mais do que em qualquer outro país, que actualmente as maiores energias se concentram na ponderação de questões, como a pornografia e a violência, patentes nos inúmeros casos de violação e de assédio sexual. Consequentemente, em termos ideológicos, políticos e legais, a área designada de uma forma genérica como sexualidade tem sido matéria de viva discussão entre as feministas e activistas americanas, tanto as mais liberais como as mais conservadoras, vindo a estabelecer-se uma relação entre a sexualidade e a política.

Relativamente à bipolarização do debate feminista sobre estas questões que, como disse, falando em termos gerais, se podem considerar relacionadas com a política, a sociologia e a lei, devem destacar-se, entre essas activistas, Camille Paglia, devido ao facto de ter assumido uma posição controversa, radical e contestada e Catherine Mackinnon, reconhecida como sua antagonista e cuja campanha e activismo contra a pornografia obtiveram resultados que merecem referência tanto no campo legal como político e social nos Estados Unidos.

Camille Paglia é Professora de Humanidades na Universidade de Artes, em Filadélfia, e embora, segundo ela, seja uma defensora radical das mulheres, com as suas obras e atitudes tem sido vista como uma "outsider" polémica e controversa em

relação a algumas facções do feminismo americano. Esta "dissenter and freethinker", como também já foi chamada, tem-se envolvido publicamente em controvérsias culturais relacionadas com temas como a homossexualidade e a androginia e atraído ainda a atenção do grande público devido às críticas negativas que tem feito a certos aspectos da política interna dos Estados Unidos, através dos ferozes ataques que tem desferido contra o movimento da chamada "political correctness" e contra as feministas mais conservadoras, que apelida de "Feminist Puritans". Em *Sexual Personae-Art and Decadence from Nefertiti to Emily Dickinson* (1990), fala ela própria de "my libertarian philosophy" e de "my pro-sex, pro-art, pro-popular culture positions", e faz afirmações como "Ideas can no longer be controlled by an incestuous elite or the accidents of geography".

Por seu lado, Catherine Mackinnon é a famosa autora de obras controversas e com títulos muito significativos e reveladores do seu conteúdo, como *Sexual Harrassment of Working Women: A Case of Sex Discrimination* (1979), *Feminism Unmodified: Discourses on Life and Law* (1987). Em *Towards a Feminist Theory of State* (1989), declara que a pornografia e o assédio sexual devem ser considerados como actos discriminatórios e na colecção de ensaios *Only Words* (1993), defende a ideia de que a pornografia conduz à discriminação e à violência contra as mulheres. Em 1997, publicou *In Harm's Way: The Pornography Civil Rights Hearings* baseado em testemunhos orais de vítimas de pornografia que explicitam toda a devastação que tal facto nocivo causou nas suas vidas.

Mackinnon destaca-se devido ao facto de definir pornografia como "um acto realizado com intenção de causar um mal". Neste âmbito, ela assume, como disse, uma posição feminista antagónica à de Camille Paglia e o seu activismo foi tão forte que dele resultou uma teorização e uma regulamentação do conceito de assédio sexual, considerado como forma de discriminação.

minação, que levou à adopção da tão discutida Lei Anti-Pornográfica dos Direitos Cívicos. Refiro-me à *Civil Rights Antipornography Ordinance* que, depois de muito discutida veio, finalmente, a ser adoptada, em 1984, em Indianapolis.

Fala-se muito, actualmente, sobre a oposição entre valores seculares e valores cristãos e sobre a "percepção pornográfica" dos valores ortodoxos da sociedade americana, como refere Gore Vidal. A este propósito, não devemos esquecer os debates sobre a dicotomia *1st Amendment v. Political Correctness* resultantes da actividade política dos novos grupos feministas, que estão directamente relacionados com a questão e que, nos últimos quinze anos, se têm esforçado por realçar o ponto de vista das mulheres que continuam a considerar-se excluídas da Constituição Americana.

Do mesmo modo, ao debater-se o significado de conceitos como obscenidade, não podemos esquecer o enquadramento legal da questão da pornografia nos Estados Unidos. A definição do tipo de material a ser considerado obsceno na América foi decidida legalmente, em 1973, no tribunal, no famoso caso *Miller v. California*, referido com pormenor por Nadine Strossen, na sua obra *Defending Pornography, Free Speech, Sex and the Fight for Women's Rights* (1995), que trouxe por arrastamento o controverso caso do fotógrafo Robert Mapplethorpe e do encerramento da exposição das suas obras em Washington, D.C..

Todas as referências a "pornographic society" e a identificação da pornografia com "a group pathology" e com "the disease of the whole culture" de que nos fala Susan Sontag em *Styles of Radical Will* (1966) têm a ver com uma posição totalmente diferente da de Camille Paglia e, de acordo com a qual, se considera a pornografia como uma expressão gráfica de conteúdo sexual por, alegadamente, atentar contra a igualdade da mulher dando significado à hegemonia masculina e exprimindo uma hierarquia entre os sexos.

A pornografia é vista pelas feministas americanas, que não concordam com Camille Paglia, como um tipo de discurso protegido pela liberdade de expressão expressa na 1.^a Emenda Constitucional nos seguintes termos:

Congress shall make no law respecting an establishment of religion, or prohibiting the free exercise thereof or abridging the freedom of speech, or of the press (...)

Porém, esse mesmo discurso, ao dar uma imagem global negativa das mulheres, vai contra a 14.^a Emenda que garante a igualdade a todos os cidadãos e que impede que haja discriminação por motivos sexuais, como pode ler-se no Bill of Rights:

All persons born or naturalized in the United States, and subject to the jurisdiction thereof, are citizens of the U. S.. No state shall make or enforce any law which shall abridge the privileges, or immunities of the citizens of the U. S., nor deny any person within its jurisdiction the equal protection of the laws.

O problema põe-se muito fortemente a este nível e não pode ser analisado sem se referirem todas as implicações que derivam do facto de, nos Estados Unidos, a indústria pornográfica ser uma das mais prósperas e rentáveis, havendo, segundo Catherine Mackinnon, uma relação de causalidade entre pornografia e violência que leva a que, na América, existam níveis elevadíssimos de violência sexual.

Por outro lado, a existência de códigos rigorosos, que estão actualmente em vigor em muitas universidades americanas, tais como, por exemplo, "Sexual Harrassment Guidelines" e que obviamente resultam do referido flagelo do assédio sexual, são abertamente condenados por Camille Paglia na sua obra *Vamps and Tramps – New Essays* (1994). A aplicação destes códigos de comportamento resulta da acção do chamado "Rape-Crisis Movement".

Este movimento é liderado, entre outros, por Susan Faludi e Naomi Wolf, as autoras de obras famosas, como *Backlash – The Undeclared War Against American Women* (1992), *The Beauty Myth-How Images of Beauty Are Used Against Women* (1991), *Fire With Fire-The New Female Power and How to Use It* (1994) e *Promiscuities-The Secret Struggle for Womanhood* (1998) e pelo movimento anti-pornografia que já foi apelidado pelos seus oponentes como *New Victorianism*. A sua actividade tem sido diversa e entre ela destaca-se a realização de inquéritos nas universidades americanas em resultado dos quais veio a afirmar-se que uma em cada quatro estudantes são violadas nos *campus*. Este facto, que passou a ser conhecido pelo *slogan* "One in four", trouxe, como é óbvio, grande agitação à vida universitária e à opinião pública americanas. O movimento organizou também, com grande sucesso, marchas de protesto contra a violência e o assédio sexual nas instalações universitárias que foram muito participadas e que apelidou com outro *slogan*, também popular, de "Take back the night".

Ao reflectirmos actualmente sobre estes temas controversos poderemos vê-los de uma perspectiva um tanto mais optimista se tivermos em consideração as afirmações de Francesco Alberoni, na sua obra *O Erotismo*, que declara que as diferenças entre os homens e as mulheres são culturais e históricas e divergem de sociedade para sociedade, de época para época e estão destinadas a mudar, pelo menos no Ocidente, visto que as relações entre os sexos estão também a alterar-se, podendo concluir-se que questões como o erotismo e a pornografia fazem parte de um estado de coisas provisório.

A este propósito, devido à sua moderação inesperada, podem citar-se, para concluir, as seguintes palavras de Camille Paglia que fazem parte da introdução à sua obra *Sex, Art, and American Culture-Essays* (1992):

We need a new point of view that would combine the inspiring progressive principles and global consciousness of the Sixties

with the hard political lessons of the Seventies and Eighties, sobering decades of rational reaction against the arrogant excesses of my generation, who thought we could change the world overnight. In other words we need a fusion of idealism and realism. (p. viii)